

**Relato de experiência do Simpósio Invisibilidades em saúde da comunidade LGBT+:
reflexões na educação médica**

**Experience report of the Symposium Invisibilities in health of the LGBT+ community:
reflections on medical education**

**Informe de experiencia del Simposio sobre invisibilidades en salud de la comunidad
LGBT+: reflexiones en la educación médica**

Recebido: 04/06/2020 | Revisado: 06/06/2020 | Aceito: 08/06/2020 | Publicado: 19/06/2020

Willian Alves dos Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0190-2199>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: willian.santos@hupe.uerj.br

Elisa Hypólito Montovani

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3298-4967>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: elisahmontovani92@gmail.com

Jonathan William Lopes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1961-0154>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: loppesjonathan@gmail.com

Alexandra Candido Rosa Nogueira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0282-3927>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: alexandranogueira1506@gmail.com

Pamela Fernandes Silva de Freitas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6627-5558>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: pamelafsf@hotmail.com

Lawrence Brito de Assis

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3956-6311>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: brittolawrence16@gmail.com

Mariana Bteshe

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3456-079X>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: marianabteshe@gmail.com

Resumo

Objetivo: Relatar a experiência do I Simpósio Invisibilidades em Saúde da Comunidade LGBTQ+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros), suas reflexões e implicações na formação médica. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência sobre um simpósio realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) executado por seis membros do Departamento de Humanidades do centro acadêmico do curso de medicina, sobre “Invisibilidades em Saúde da Comunidade LGBTQ+”. Realizou-se, para avaliação da grade curricular, aplicação de questionário semiestruturado aos discentes da instituição, que demonstrou a pouca abordagem LGBTQ+ na formação médica. Elaborou-se, posteriormente, rodas de conversa para discussão de vulnerabilidades dessa comunidade com os acadêmicos, como meio de aquisição de conhecimento sobre o tema. Com isso, surgiram assuntos amplos de discussão que fomentaram a criação do simpósio como método de ensino-aprendizagem. **Resultados:** Tal evento constituiu-se por duas mesas: (1) Invisibilidades e Silenciamentos da Comunidade LGBTQ+, que discutiu questões sociais e a construção do ser médico para o estudante de medicina LGBTQ+ e (2) Comunidade LGBTQ+ e o Direito à Saúde, que contemplou os desafios em saúde vivenciados pela comunidade LGBTQ+. Foram temas abrangentes debatidos por uma equipe multiprofissional de especialistas e estudantes LGBTQ+, promovendo conhecimento aos estudantes e à comunidade externa, trazendo, também, reflexão aos coordenadores da instituição sobre a abordagem do conteúdo LGBTQ+ na grade curricular. **Conclusão:** O simpósio se destacou como potente estratégia pedagógica permitindo aos estudantes o contato com as especificidades das populações LGBTQ+ e abriu caminhos para a abordagem do tema na formação médica.

Palavras-chave: Estudantes de medicina; Minorias sexuais e de gênero; Educação médica.

Abstract

Objective: To report the experience of the 1st Symposium on Health Invisibilities of the LGBTQ+ (Lesbians, Gays, Bisexuals and Transgenders) community, its reflections and implications for medical education. **Methodology:** This is a descriptive study of an experience report about a symposium held at the State University of Rio de Janeiro (UERJ),

carried out by six members of the Humanities Department of the academic center of the medical course, on “Invisibilities in LGBT+ Community Health”. For the evaluation of the curriculum, a semi-structured questionnaire was applied to the students of the institution, which demonstrated the little LGBT + approach in medical training. Conversation circles were then developed to discuss the vulnerabilities of this community with academics, as a means of acquiring knowledge on the topic. With this, broad subjects of discussion arose that fostered the creation of the symposium as a teaching-learning method. **Results:** This event consisted of two tables: (1) Invisibilities and Silences of the LGBT+ Community, discussing social issues and the construction of being a doctor for the LGBT + medical student and (2) LGBT+ Community and the Right to Health, which included the health challenges experienced by the LGBT+ community. Comprehensive topics were discussed by a multiprofessional team of LGBT+ specialists and students, promoting knowledge for students and the external community, bringing also reflection to the institution's coordinators on the approach to LGBT+ content in the curriculum. **Conclusion:** The symposium stood out as a powerful pedagogical strategy allowing students to get in touch with the specificities of LGBT+ populations and opened the way for addressing the theme in medical education.

Keywords: Medical students; Sexual and gender minorities; Medical education.

Resumen

Objetivo: Informar sobre la experiencia del 1er Simposio sobre Invisibilidades de Salud de la Comunidad LGBT+ (Lesbianas, Gays, Bisexuales y Transgénero), sus reflexiones e implicaciones para la capacitación médica. **Metodología:** Este es un estudio descriptivo de un informe de experiencia sobre un simposio realizado en la Universidad Estatal de Río de Janeiro (UERJ), realizado por seis miembros del Departamento de Humanidades del centro académico del curso médico, sobre "Invisibilidades en Salud comunitaria LGBT+". Para la evaluación del currículo, se aplicó un cuestionario semiestructurado a los estudiantes de la institución, que demostró el pequeño enfoque LGBT+ en la capacitación médica. Luego se desarrollaron círculos de conversación para discutir las vulnerabilidades de esta comunidad con los académicos, como un medio para adquirir conocimiento sobre el tema. Con esto, surgieron amplios temas de discusión que fomentaron la creación del simposio como método de enseñanza-aprendizaje. **Resultados:** Este evento consistió en dos tablas: (1) Invisibilidades y silencios de la comunidad LGBT+, discutiendo temas sociales y la construcción de ser un médico para el estudiante de medicina LGBT+ y (2) Comunidad LGBT+ y el derecho a la salud, que incluyó Los desafíos de salud experimentados por la comunidad LGBT+. Los

temas integrales fueron discutidos por un equipo multiprofesional de especialistas y estudiantes LGBT+, promoviendo el conocimiento para los estudiantes y la comunidad externa, trayendo también una reflexión a los coordinadores de la institución sobre el enfoque del contenido LGBT+ en el plan de estudios. **Conclusión:** El simposio se destacó como una estrategia pedagógica poderosa que permite a los estudiantes ponerse en contacto con las especificidades de las poblaciones LGBT+ y abrió el camino para abordar el tema en la educación médica.

Palabras clave: Estudiantes de medicina; Minorías sexuales y de género; Educación médica.

1. Introdução

Em muitas partes do mundo, o progresso político-social das últimas décadas melhorou significativamente a vida de pessoas lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBT+) (Salkind, Gishen, Drage, Kavanagh, & Potts, 2019). Apesar disso, essa comunidade ainda vivencia, de forma íntima, entraves em relação às vulnerabilidades que são expostas enquanto usuários dos serviços de saúde, trazendo significativos desafios para a promoção da universalidade, integralidade e equidade, base para a consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS) a esses indivíduos (Negreiros, Ferreira, Freitas, Pedrosa, & Nascimento, 2019).

O distanciamento dessas populações das unidades assistenciais é reflexo da discriminação, somado ao constrangimento que o estigma e a falta de treinamento profissional causam. Há, ainda, uma abordagem deficiente dessa temática na educação médica, o que torna a medicina reprodutora de heteronormatividades que interferem no acolhimento e cuidado aos LGBT+ (Loira et al., 2019; Braun, Ramirez, Zahner, Gillis-buck, Sheriff, & Ferrone, 2017; Morris et al., 2019; Zelin et al., 2018).

Dessa forma, é imprescindível a qualificação dos profissionais acerca das especificidades LGBT+ e do aprimoramento da formação médica, auxiliando no efetivo cumprimento do direito à saúde (Loira et al., 2019; Mello, Pirillo, Braz, & Pedrosa, 2011). A Organização Mundial da Saúde (OMS) evidencia a necessidade de se discutir, nas grades curriculares da área da saúde, os aspectos da diversidade humana na temática gênero, sexualidade e seus aspectos sociais e saúde. Além disso, o Ministério da Saúde estabeleceu novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os cursos médicos a fim de aperfeiçoar os currículos em relação a tais temas, contemplando os determinantes sociais no cuidado integral em saúde (Raimondi, Paulino, Hattori, Júnior, Silva, & Zaidhaft, 2019; Brasil, 2019).

Apesar dessa necessidade, o conteúdo de gênero e sexualidade é incipiente na grade curricular médica, tanto no âmbito nacional, quanto internacional, sendo experimentada de forma reducionista, resumindo-se à ótica organicista e cisgênero, o que compromete o entendimento biopsicossocial, naquilo que tange a complexidade da diversidade sexual (Rufino, & Madeiro, 2017; Zelin et al., 2018). Um estudo realizado em faculdades de medicina no Brasil destaca o ausente conhecimento por parte dos acadêmicos sobre a Política Nacional de Saúde Integral LGBT+ e a diminuta inserção dos direitos sexuais na grade curricular dos cursos pesquisados, que se resume na patologização da sexualidade e prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (IST's) (Marinho, 2014; Lopes, Carvalho, & Araujo, 2019). A diversidade, orientação sexual e identidade de gênero são temas subvalorizados na formação médica.

Assim, a graduação em medicina tem o papel de garantir que os graduados possam prestar assistência médica às diversas populações e um ambiente de aprendizagem que seja inclusivo e acolhedor às minorias, proporcionando uma atmosfera de respeito e inclusão (Nama, Macpherson, Sampson, & Mcmillan, 2017). No ambiente acadêmico, base para este relato, observa-se a abordagem deficitária dos eixos gênero, sexualidade e identidade, o que culmina em um sentimento de despreparo por parte dos discentes para lidar com as complexidades dessa população na futura prática profissional.

Desse modo, com a real necessidade do estabelecimento de métodos pedagógicos alternativos abordando o tema, os estudantes desenvolveram um simpósio como método de ensino. Sendo esta ferramenta para a abordagem da saúde e dos aspectos sociais da comunidade LGBT+, com a finalidade de trazer a discussão ao ambiente acadêmico que, até então, não o possuía.

Com isso, este relato objetiva-se relatar a experiência do I Simpósio Invisibilidades em Saúde da Comunidade LGBT+, suas reflexões e implicações na formação médica.

2. Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência a partir da vivência de seis estudantes de medicina da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) na construção do I Simpósio Invisibilidades em Saúde da Comunidade LGBT+.

O Centro Acadêmico da Faculdade de Medicina da UERJ, por meio do Departamento de Humanidades (DepHum), trabalhou em 2018 questões socioculturais e humanitárias em

saúde. No cenário do estudo, verificou-se a necessidade do incentivo ao conhecimento sobre as vulnerabilidades humanas, indo ao encontro das DCN.

Atualmente, o DepHum se transformou em um projeto de extensão da UERJ denominado (R)existências: humanidades, alteridade e novos diálogos na formação médica. Este promove a continuidade das propostas abordadas pelo DepHum nas diversas áreas de vulnerabilidade e invisibilidade, atrelando as competências dos estudantes de medicina nesses eixos.

A elaboração do simpósio dividiu-se em dois momentos: primeiro, ocorreu uma busca ativa das demandas na comunidade acadêmica a partir da aplicação de questionário semiestruturado, em que estudantes opinavam sobre as confluências em saúde e sociedade. Esse questionário foi composto por perguntas visando a caracterização dos participantes, como o ano de previsão de formação e seu método de entrada na universidade (ampla concorrência ou ações afirmativas). Além disso, perguntou-se sobre o quanto o acadêmico se qualifica apto a atender a população em suas especificidades sociais (como, por exemplo, a comunidade LGBT+), levando em consideração percurso já trilhado na faculdade de medicina, bem como quão frequente ele presenciou a abordagem de recortes sociais na prática docente e se, também, já sofreu ou presenciou alguma situação de preconceito dentro da academia.

No segundo momento, realizou-se busca na literatura científica, como artigos e dissertações, acerca das questões biopsicossociais e vulnerabilidades da comunidade LGBT+ com conseqüente formação, para discussão das leituras realizadas, de grupos de estudos, os quais eram abertos à participação de todos os alunos como proposta de aproximação dos interessados ao tema. Dentre os assuntos estudados, a exemplo, estava a construção da cidadania LGBT+ no Brasil, contada sob a ótica de mulheres lésbicas que marcaram a história do ativismo LGBT+ nacional, tema tratado com profundidade na dissertação “*Vozes Lésbicas no Brasil, a Busca e os Sentidos da Cidadania LGBT*” (Bacci, 2016), uma das bases teóricas dos debates.

Também estiveram sob crítica análise, os processos de formulação da Política Nacional de Saúde Integral LGBT+ do Ministério da Saúde, os quais tiveram seus primeiros sinais no contexto de aparecimento da AIDS, quando surgiram numerosos documentos referidos às chamadas “populações vulneráveis” para designar sujeitos de gêneros e sexualidades não convencionais (Gomes, 2017).

Ainda, promoveu-se rodas de conversa com os estudantes, com análise interdisciplinar de especialistas, debatendo assuntos da (re)construção e ressignificação do processo saúde-

doença LGBT+. Discutiu-se o processo transexualizador, realizado no Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE), com uma assistente social que atende a população trans, e um médico hebiatra, que coordena um programa de atenção à saúde de adolescentes transgênero.

Essas atividades possibilitaram a identificação das complexidades vivenciadas pela população LGBT+ e, somada à necessidade de suas implicações na formação médica, construiu-se, a partir de temas e a inquietude dos discentes nas rodas de conversa, o I Simpósio Invisibilidades em Saúde da Comunidade LGBT+ como estratégia pedagógica de promoção de conhecimento e ensino-aprendizagem aos alunos de medicina e à população extramuros da universidade, através de uma linguagem acessível e baseada em evidências.

3. Resultados

Observou-se que 127 participantes, entre eles acadêmicos e profissionais formados pela instituição, responderam o questionário. Em relação ao ano de previsão de formação, a turma 2022 (que cursava o 2º ano) obteve o maior percentual com um total de quase 38%, seguido da turma 2023 (1º ano) com 22%, turma 2020 (4º ano) com 15,7%, da turma 2021 (3º ano) com 9,4% e 4,7% foi composta por alunos já formados pela instituição. Em relação ao sistema de ingresso, 55,9% dos alunos ingressou na universidade pela ampla concorrência, enquanto 44,1% pelo sistema de reserva de vagas.

Já em relação ao quanto o aluno se sente preparado para atender alguém da comunidade LGBT+, levando em conta o caminho percorrido ao longo da graduação, obtendo como alternativas de respostas: “nunca fui preparado”, “mais ou menos preparado”, “fui preparado”, “fui bem preparado” e “fui muito bem preparado”; 37% responderam “nunca fui preparado”, 28,3% se sentem mais ou menos preparados e 22,8% se sentem mal preparados, ou seja, os dados apontam que 88% dos participantes não se sentiam adequadamente preparados para atender a comunidade LGBT+ na prática médica.

Além disso, em relação a quão frequente eles presenciaram os recortes sociais na universidade, como por exemplo, os raciais, observou-se que 50,4% disseram nunca ter presenciado, 33,1% afirmaram já ter presenciado, mas que é algo bem raro, enquanto 16,5% afirmou presenciar recortes sociais com frequência na universidade.

Na pergunta em que se questiona o fato do estudante já ter sofrido e/ou presenciado algum tipo de preconceito (gênero, sexualidade, classe, religião ou racismo) por parte de algum docente, a qual tinha como alternativas “sim”, “não” e “talvez”; 57,5% disseram que já sofreram e/ou presenciaram algum tipo de preconceito na universidade por algum docente,

9,4% disseram que talvez e 33,1% disseram que não sofreram e/ou nunca presenciaram prática de preconceito, seja ele de gênero, sexualidade e/ou social.

Já na questão onde o aluno podia graduar, por meio de uma escala de 1 a 5, onde 1 era a pior nota e 5 a maior nota, a sua experiência vivida sobre o quanto a faculdade o preparava para lidar com as diversidades, levando em consideração as disciplinas já cursadas na graduação de medicina; 30,7% avaliou que a faculdade prepara muito pouco o aluno para lidar com a diversidade humana, 18,9% classificou em prepara pouco para lidar com isso, 23,8% classificou que prepara de forma intermediária, 22% classificou como “prepara bem” e apenas 4,7% classificou em prepara muito bem para lidar com a diversidade. Nitidamente, é possível verificar que 73,4% classifica que a abordagem das questões da diversidade humana está inadequada na formação médica.

Nesse ínterim, houve uma análise crítica-reflexiva das vivências dos estudantes no percurso da formação e nas dinâmicas das aulas e, a partir dos dados coletados por meio dos questionários, observaram-se lacunas, sobressaindo a temática LGBTQ+, que se destacou como eixo necessário a ser abordado no conteúdo programático curricular.

I Simpósio Invisibilidades em Saúde da Comunidade LGBTQ+ e suas reflexões

O evento, organizado por uma equipe com 6 estudantes coordenados por uma professora da instituição e auxiliado por uma rede de apoio, constituiu-se por duas mesas interdisciplinares: (1) Invisibilidades e Silenciamentos da Comunidade LGBTQ+ e (2) Comunidade LGBTQ+ e o Direito à Saúde. A primeira, composta por 6 palestrantes com experiência e vivência em seus respectivos temas, trouxe a discussão de questões sociais e a construção do ser médico para o estudante de medicina LGBTQ+. A segunda mesa contemplou os desafios em saúde enfrentados pela comunidade LGBTQ+, composta por 4 palestrantes. Ambas as mesas contaram com a presença de estudiosos e ativistas de diversas áreas e níveis de formação, entre eles LGBTQ+ e heterossexuais, o que tornou possível a troca de reflexões e conhecimento entre os palestrantes e a plateia.

Salienta-se que todos os temas, conforme observado na tabela 1, emergiram dos encontros e reflexões trazidas nas discussões de roda de conversa entre os estudantes e os especialistas convidados, culminando em uma gama grande de assuntos que se inter-relacionam com a complexidade do ser/viver como LGBTQ+ na sociedade contemporânea.

Tabela 1 – Conteúdo programático de mesas e temas abordados no simpósio.

I Simpósio Invisibilidades em saúde da comunidade LGBTQ+.	
mesa 1 - Invisibilidades e Silenciamentos da Comunidade LGBTQ+	mesa 2 - Comunidade LGBTQ+ e o Direito à Saúde
1) Silenciamento seletivo: distorções, estereótipos e invisibilidade bissexual.	1) A segunda epidemia de AIDS e o descaso com a saúde da comunidade LGBTQ+ no Brasil.
2) A invisibilidade da mulher negra e não heterossexual dentro do movimento LGBTQ+.	2) Militância que alcançou o consultório: o atendimento ao adolescente LGBTQ+.
3) As implicações da heteronormatividade: marginalização das sexualidades não heterossexuais.	3) Especificidades em saúde da mulher lésbica e da mulher bissexual.
4) A construção do ser médico para um estudante LGBTQ+.	4) Sofrimentos sociais da negligência em saúde da comunidade LGBTQ+.
5) Da invisibilidade ao estereótipo: resistência e a necessidade de reafirmação da mulher bissexual.	
6) Vivências de uma estudante trans na faculdade de medicina.	

Fonte: Elaboração própria.

Na tabela acima é importante observar as disposições das mesas de debate, bem como os temas incluídos.

O público foi composto por estudantes da faculdade de medicina da UERJ, integrantes de movimentos sociais diversos, profissionais de diversas áreas, como professores, médicos, enfermeiros, assistentes sociais, estudantes do ensino médio de escolas públicas e privadas, profissionais da área da educação, estudantes de ensino superior de diversas áreas e pessoas da comunidade que possuam interesse ao tema, contabilizando um total 122 ouvintes.

No que se refere aos conteúdos abordados no evento, o “Silenciamento seletivo: distorções, estereótipos e invisibilidade bissexual”, tema de abertura do simpósio, ministrado por representante do coletivo paulista Bi-sides, expôs a existência de preconceitos quanto à bissexualidade dentro e fora do movimento LGBTQ+. O ser “bi” é visto como alguém curioso e indeciso por parte da sociedade e não como alguém que se atrai por pessoas de ambos os sexos. Homens bissexuais são representados, geralmente, como homossexuais que se vergonham da sua sexualidade, comprometendo suas relações heterossexuais. Além disso, o

sexo é observado sob a ótica falocêntrica, negando à mulher o direito a sexualidades não heterossexuais. Ser bissexual é, portanto, “sair do armário” e reafirmar a sexualidade constantemente, pois são constantemente negligenciados pelo movimento LGBTQ+.

Tais pontos foram levantados, também, em “Da invisibilidade ao estereótipo: a resistência e a necessidade de reafirmação da mulher bissexual”, palestrado por membro do Bisibilidades do Rio de Janeiro, que relatou que tanto os heterossexuais, quanto alguns LGBTQ+ acreditam no determinismo ou heterossexual ou homossexual. Contudo, reafirma que a sexualidade, o gênero e o ser humano são fluidos e complexos, ao contrário dos padrões impostos na sociedade. Além disso, a mulher bissexual enfrenta encaixos no relacionamento, como: 1º) Fetichismo: o parceiro usa a bissexualidade da parceira em prol dos seus próprios prazeres, atrelando-se à problemática: hipersexualização da bissexualidade. 2º) Preconceito: preconceito de mulheres lésbicas às mulheres bissexuais devido ao não reconhecimento da bissexualidade como sexualidade legítima.

No tema “A invisibilidade da mulher negra e não heterossexual dentro do movimento LGBTQ+”, versa-se sobre a sexualidade da mulher negra, tratando da devolução de suas potências sexuais e a emancipação dos seus corpos enquanto vulneráveis sociais. A mulher negra lésbica ou bissexual é atravessada por três grandes marcadores de negligência social: raça, gênero e sexualidade; contando com aspectos de classe, devido ao *status* social de maior parte da população negra do país. Ainda, destaca em sua base teórica a escritora e ativista americana Audre Lorde, afirmando que pauta racial é historicamente desprezada em movimentos feministas e LGBTQ+, ao mesmo tempo que, para a comunidade negra, a não-heterossexualidade se expressava como uma traição à raça.

Assim, a mulher negra LGBTQ+ é lançada a um silêncio onde a sua interseccionalidade, termo cunhado por Kimberlé Crenshaw, é ignorada, e o medo de causar dor e morte é marca. Desse modo, a argumentação deu-se no sentido de dar voz ao silêncio das mulheres negras enquanto militantes LGBTQ+ e sensibilizar quanto a necessidade de uma luta pelo direito de caminhar junto com o combate antirracista, pois os sujeitos sociais são marcados por diversas identidades que ao convergirem inter cruzam opressões.

Em “As implicações da heteronormatividade: marginalização das sexualidades não heterossexuais”, tratou-se da argumentação histórica de construção do gênero e das relações de poder que reverberam na marginalização dos corpos LGBTQ+. Há tempos, as performances sexuais são regidas por um conjunto de símbolos e rituais pré-determinados pelo modelo sexista, que imprime, na representação dos corpos, o controle da pluralidade sexual. A heteronormatividade se apoia na idealização dos papéis de gênero teatralizados e calculados

em gestos e falas que ou se aproximam do falo, ou o negam; é nesse ponto que Beauvoir, segundo o palestrante, afirma a construção de gênero como edificação vertical, onde o poder é o molde da estrutura binária. Nesse contexto, o corpo *queer* é transgressor em sua performance e inexistente nos pensamentos binários, o que colabora para o não-lugar que esse corpo ocupa nas discussões de saúde pública.

A heteronormatividade compulsória funciona como mecanismo de opressão que retira do corpo *queer* seu direito de traduzir ao significado histórico a sua identidade subjetiva. A referência trazida da filósofa política Judith Butler em “*Actos Performativos e Constituição de Gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista*” afirma o corpo como materialidade de possibilidades. Assim, as performances não-heteronormativas são barreiras de resistência que contorna os meios de dominação para reiterar seus corpos, ao passo que são negligenciadas no contexto social. Aprendemos que as normas que regulam o direito aos corpos também são reguladoras das experiências sexuais, consolidando o imperativo heterossexual. Em contramão a isso está o corpo não-heteronormativo que em sua existência resiste à assimilação conservadora da estrutura binária, reforçando a universalização dos direitos à subjetividade.

“A construção do ser médico para um estudante de medicina LGBTQ+”, palestrado por um médico formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), teve o discurso baseado em texto autoral - “Bicha carbonizada” - em que denuncia as ofensas sofridas ao longo de sua graduação enquanto estudante de medicina LGBTQ+ afeminado. Destaca que a visão da diversidade sexual de “ser médico” é afetada pelo o que o próprio termo personifica: o masculino, branco, cis e heterossexual. Evidencia, ainda, a luta diária de estudantes de medicina LGBTQ+ no enfrentamento de percalços vindos dos vários agentes da prática profissional. A ausência de punição, somado a falta de amparo psicológico aos acadêmicos vítimas de LGBTQfobia levaram à criação do coletivo LGBTQ+ na UFRJ, em 2015, para o enfrentamento, apoio, engajamento e reivindicação pelos direitos na universidade.

“Vivências de uma estudante trans na faculdade de medicina” trouxe à tona a não ocupação da mulher transgênero nos espaços, reforçando as invisibilidades sociais. Observa-se a anulação da especificidade trans no meio acadêmico, principalmente no curso de medicina, no qual é inexistente a presença de pessoas trans nos meios discente e docente. A não representatividade na universidade heteronormativa foi gatilho de adoecimento da saúde mental da palestrante durante sua formação devido à sensação de não pertencimento àquele local acadêmico.

No tema “A segunda epidemia de AIDS e o descaso com a saúde da comunidade LGBT+ no Brasil” discutiu-se os entraves vivenciados nos métodos de prevenção do HIV na atualidade e os desafios da educação em saúde e tratamento. Observa-se a maior prevalência de casos entre os jovens, reforçando que o discurso atual não deve ser pautado na “juventude que perdeu o medo da AIDS”, pois temos uma discussão ínfima sobre o tema, hoje. Inúmeros métodos pedagógicos de prevenção são reducionistas, sendo o trabalho educativo profundo nas escolas, atrelado às disciplinas de base, a forma mais eficiente de conscientização.

O estigma que permeia o ser/viver com HIV ainda é bastante evidente. A limitada discussão na sociedade sobre suas especificidades faz com que muitos portadores escondam sua condição devido o preconceito. Outro fato importante é que, atualmente, o discurso conservador tem silenciado as campanhas e os debates sobre o HIV no Brasil, comprometendo a eficiência da prevenção e da conscientização.

Já em “A militância que alcançou o consultório: o atendimento ao adolescente LGBT+”, ministrado por médico hebiatra do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE/UERJ), explanou sobre seu trabalho com adolescentes e jovens LGBT+. Destacou a necessidade da realização de treinamento contínuo e multiprofissional sobre diversidade, ressaltando a importância do respeito no atendimento aos pacientes, independente de credo, etnia e sexualidade.

“Especificidades em saúde da mulher lésbica e da mulher bissexual” ministrado por uma médica de família e comunidade, trouxe a deficiência da abordagem da saúde da mulher não-heterossexual na formação médica, refletido, também, dentro de consultórios ginecológicos. A mulher geralmente é tratada, no atendimento médico, como ser heterossexual, o que prejudica a relação médico – paciente na discussão plena sobre a sexualidade e as respostas terapêuticas em saúde. Ademais, existe uma negligência à saúde dessa população, exemplificado pela inexistência de campanhas de prevenção a IST’s e estudos sobre métodos de proteção direcionada a essas mulheres. Alguns dos dispositivos existentes comprometem o prazer e têm eficácia questionável, expressando um profundo descaso com a multiplicidade da sexualidade.

Na temática “Sofrimentos sociais da negligência em saúde da comunidade LGBT+”, uma mulher transgênero, ativista, explanou sua experiência no sistema de saúde, as repercussões psicossociais, destacando a dificuldade de se obter uma consulta direcionada às necessidades da mulher trans. O cuidado ginecológico, cirurgia plástica, terapia hormonal e o atendimento psicológico são comumente deficitários, carecendo de estratégias holísticas que abranjam as suas particularidades enquanto usuárias do serviço de saúde. Isso faz com que

muitas procurem atendimentos não especializados e, muitas vezes, clandestinos, marcando física e emocionalmente seus corpos, marginalizando-as e colocando em risco a vida e seu bem-estar.

4. Discussão

Apesar da importância das complexidades e especificidades biopsicossociais LGBTQ+ na formação médica, ainda é discreto os avanços nesse sentido, o que corrobora no atendimento inadequado às necessidades dessa comunidade. As lacunas na formação geram comprometimentos ao ensino dos estudantes que, enquanto futuros profissionais, não conseguem atender efetivamente as demandas, perpetuando a cultural negligência à saúde dos LGBTQ+ (Braun, Ramirez, Zahner, Gillis-buck, Sheriff, & Ferrone, 2017).

Estudos brasileiros destacam a invisibilidade acadêmica dos aspectos da sexualidade, identidade de gênero e orientação sexual, e a pequena frequência de discussões sobre atendimento integral e humanizado à saúde geral LGBTQ+, afetando a qualidade da atenção a ser prestada pelos egressos (Loira et al., 2019; Rufino, Madeiro, & Girao, 2013; Santos, 2017). No ambiente universitário deste estudo foi possível identificar que os alunos julgam que vivenciaram pouco recortes sociais e de diversidade humana na formação acadêmica.

Para Salkind, Gishen, Drage, Kavanagh, & Potts (2019) o trabalho das questões de sexualidade na graduação de medicina, principalmente no que tange as questões LGBTQ+, são extremamente importantes e traz grandes ganhos. Nesse estudo, observou-se que, após a introdução de um programa de ensino obrigatório em uma grande da escola médica de Londres sobre a comunidade LGBTQ+, bem como o contato com as pessoas dessa comunidade durante a formação fizeram com que os estudantes se sentissem mais confiantes no uso de linguagem apropriada relacionada à orientação sexual e identidade de gênero e na avaliação clínica de pacientes LGBTQ+.

O não atendimento das questões LGBTQ+ no espaço acadêmico pode expor essa população a potenciais riscos de discursos discriminatórios no ambiente universitário. No estudo em questão observou-se que estudantes já vivenciaram tais práticas de preconceitos no ambiente acadêmico, indo ao encontro do que verificou o estudo de Nama, Macpherson, Sampson, & Mcmillan (2017) que contou com a participação de estudantes LGBTQ+ e heterossexuais cis-gêneros da Universidade de Ottawa, destacando que a discriminação anti-LGBTQ+ é testemunhada por 14,6% e o heterossexismo por 31,1% dos entrevistados -

predominantemente vivenciada por estudantes de medicina - indicando que a universidade, ainda, é um ambiente de aprendizado abaixo do ideal para estudantes LGBTQ+.

Além disso, verifica-se que o sentimento de despreparo para lidar diretamente com as necessidades distintas da comunidade LGBTQ+ por parte do estudante de medicina deste estudo não é algo isolado da instituição em questão, pois pode ser observado em outros locais de ensino. Um estudo realizado na Nova Inglaterra disserta que a maioria dos entrevistados não se sentem competentes ou eram pouco competentes para realizar tratamento médico de pacientes de minorias de gênero (76,7%). Ademais, mais de 50% dos alunos indicaram que o currículo não cobre adequadamente tópicos específicos do LGBTQ+, nem prepara adequadamente os alunos para atender esses pacientes (Zelin et al., 2018). Assim, destaca-se, nesse aspecto, necessário a urgente abordagem do tema na formação médica geral, nas mais diversas modalidades de ensino, para o preparo do acadêmico no atendimento à saúde LGBTQ+.

Nesse contexto, o simpósio se destaca como importante espaço de criação, ferramenta de ensino-aprendizagem multiprofissional e de construção discente (Anastasiou, & Alves, 2004), visando preencher lacunas da formação médica observado pelos alunos, ultrapassando os limites da sala de aula e possibilitando o desenvolvimento de habilidades sociais primordiais à prática médica, com ampliação das articulações do pensamento clínico que se adaptam à realidade do paciente LGBTQ+.

A atividade realizada fez com que os estudantes se tornassem agentes ativos de seu ensino, favorecendo, a partir da inquietude mútua sobre o tema, a busca profunda sobre o assunto. Estabeleceu-se métodos alternativos de discussão temática, aprimoramento das relações sociais ao estabelecer contatos multiprofissionais, de gerenciamento pessoal e uso da criatividade ao se idealizar e organizar um evento.

O estudo de Braun, Ramirez, Zahner, Gillis-buck, Sheriff, & Ferrone (2017) corrobora com esses achados e vivenciaram uma experiência parecida com a desse projeto. A inexistência de conteúdo sobre a saúde LGBTQ+ na grade curricular da graduação médica da Universidade da Califórnia e a inquietude dos alunos sobre isso fomentaram a realização de um Fórum sobre a saúde LGBTQ+ como estratégia pedagógica de ensino anual aos alunos de diversos cursos da área da saúde, promovendo o contato desses grupos com aspectos tradicionalmente sub-representados da saúde LGBTQ+ nos currículos escolares profissionais, se destacando como uma oportunidade para a educação interprofissional. Essas medidas pedagógicas extracurriculares de ensino-aprendizagem se destacam como potentes

ferramentas para complementar a grade curricular do curso, abordando conteúdos que são pouco trabalhados na formação e auxiliando no preparo do estudante para a vida profissional.

As DCN para o curso de medicina determinam que o médico seja formado sob a ótica humanista, ética e crítico-reflexiva sobre a práxis profissional, atuando de forma resolutiva nos diversos níveis de atenção em saúde, considerando aspectos biopsicossociais no cuidado, respeitando o direito do paciente à cidadania e à dignidade (Brasil, 2014; Meireles, Fernandes, & Silva, 2019). Ter a percepção dos anseios socioculturais da comunidade LGBT+, os impasses no atendimento em saúde e as repercussões na trajetória desses agentes, traz a autorreflexão acadêmica e o desenvolvimento de competências que fazem o acadêmico ter conhecimento das potencialidades que contribuem para uma prática médica humanística a essas populações.

O relato das experiências e dos desafios vividos por protagonistas do movimento LGBT+, bem como as percepções teórico-práticas multiprofissionais proporcionaram a aquisição de conhecimento, agregando diretamente à formação acadêmica e a autonomia do estudante na busca constante sobre as demandas atuais. Tais fatores contribuem para um profissional preparado e habilitado a lidar com as complexidades LBGT+, rompendo estigmas.

A comunidade LGBT+ sofre, constantemente preconceito e desigualdades sociais decorrentes de homofobia, bifobia e transfobia, que culminam em depressão, ansiedade, uso de álcool e drogas, automutilação e suicídio, juntamente com pior saúde física, desigualdades perpetuadas por uma assistência heteronormativa (Salkind, Gishen, Drage, Kavanagh, & Potts, 2019; Mcdermott, Hughes, & Rawlings, 2017). Dessa forma, a qualificação profissional sobre especificidades LGBT+ é fundamental na garantia do cumprimento do direito à saúde, principalmente na incorporação do tema no currículo de graduação (Loira et al., 2019).

O simpósio trouxe uma grande reflexão tanto por aos alunos quanto aos docentes. Na comunidade discente, verificou-se o impacto positivo do reconhecimento das especificidades da comunidade LGBT+ e as repercussões do atendimento mais humanizado e isento de preconceitos. Em relação aos docentes, a necessidade de formar profissionais capacitados para os desafios sociais e em saúde da atualidade. Verificou-se, ainda, que pelo menos duas disciplinas inseriram esse debate em suas ementas (Psicologia Médica e Medicina de Família) abordando as questões de gênero e sexualidade no atendimento em saúde.

Após o simpósio, observou-se, também, que as ligas acadêmicas abordaram o tema dentro de suas áreas de interesse, expondo, por meio de debates e rodas de conversas as ideias

e experiências pessoais sobre o eixo LGBTQ+ atreladas ao gênero, preconceito, necessidades de saúde, entre outros.

A elaboração do evento é a soma da coexistência de três fatores: o aumento do número de estudantes que se autodeclararam LGBTQ+, a ocupação desses em espaços de deliberação executiva da faculdade de medicina, e a existência de debates acerca do novo currículo instaurado em 2018. Projetou-se de forma horizontal e, dentro dessa composição, observou-se a independência discente na esquematização de suas demandas específicas de conhecimento. Os alunos, em sua maioria LGBTQ+, devolveram à faculdade as demandas colhidas neste processo.

Em um estudo realizado na Universidade da Califórnia, São Francisco (UCSF), estudantes de medicina associados ao Centro de Recursos LGBTQ+ desenvolveram um mapa de necessidades curriculares existentes relacionadas aos cuidados de saúde LGBTQ+, identificando áreas de necessidade de melhoria. Os acadêmicos dialogaram sistematicamente com o corpo docente e implementou conteúdo de assistência médica LGBTQ+ nos currículos estabelecidos nas disciplinas (Cannon, Shukla, & Vanderbilt, 2017). A busca ativa dos discentes em relação ao seu próprio aprendizado sobre questões dessa comunidade nas diversas disciplinas de base é um ponto de interseção com o que foi observado neste projeto, o que foi determinante para a realização do simpósio.

Ressalta-se que o DepHum se tornou a ponte de diálogo entre direção da faculdade e as necessidades dos estudantes do curso para a elaboração de estratégias de inclusão desses temas nas disciplinas da grade curricular, gerando importantes implicações na formação médica na instituição. Encaminhou-se uma carta à coordenação de curso, que foi lida no Conselho Departamental da Faculdade de Ciências Médicas, em que se destacou os principais resultados encontrados com a aplicação do questionário de avaliação e os principais ganhos conquistados com o simpósio, sendo um momento único na Universidade, onde a direção, a coordenação da graduação e todos os professores chefes de departamentos tiveram acesso às questões e propostas que surgiram deste projeto.

Com isso, os resultados geraram reflexões e a coordenação de curso percebeu a necessidade de se trabalhar questões LGBTQ+ transversalizando as disciplinas, por meio de atividades, como casos clínicos e abordagens pontuais de formas variadas nos temas das disciplinas, sendo evidente, também, a necessidade da realização de preparo do corpo docente para isso. Assim, planejou-se a construção de uma oficina de capacitação docente sobre a saúde LGBTQ+ na faculdade – que se encontra interrompido – a ser realizada por um especialista na área pedagógica de ensino e comunidade LGBTQ+, permitindo, assim, a

inclusão posterior desses temas na grade curricular de ensino.

5. Conclusão

Percebe-se que é de extrema importância a busca pelo aprimoramento da formação médica, principalmente sobre as populações em vulnerabilidade social e invisibilidade, como a LGBT+, já que apresentam inúmeras especificidades de atenção em saúde. A construção do simpósio proporcionou o contato com a temática, a reflexão sobre essa demanda na área da saúde e o conhecimento nas mais variadas especificidades, trazendo a discussão ampla desse assunto no meio acadêmico em saúde, abrindo caminhos para potentes mudanças nas grades curriculares de ensino.

Pode-se afirmar que o processo de elaboração e a contemplação do evento, bem como as discussões nele baseadas nutriram a incipiente e urgente área de conhecimento em saúde da comunidade LGBT+, necessária ao cumprimento das DCN.

Referências

Anastasiou, L. G. C., & Alves, L. P. (2004). Estratégias de ensinagem. In: Anastasiou, L. G. C., & Alves, L. P., org (Ed. 3). Processos de ensinagem na universidade. Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula (pp. 67-100). Joinville: Univille.

Bacci, I. K. (2016). Vozes lésbicas no brasil - a busca e os sentidos da cidadania LGBT. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.

Brasil. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior (2014). Resolução Nº. 3 de 20 de junho de 2014. Institui diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em Medicina e dá outras providências. Recuperado em 22 de Maio, 2020, http://www.lex.com.br/legis_25663662_resolucao_n_3_de_20_de_junho_de

Brasil. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior (2019). Parecer CNE/CES nº 334 de 8 de maio de 2019. Institui orientação às Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos Superiores. Recuperado em 22 de Maio, 2020, <http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2019-pdf/119811-pces334-19/file>

Braun, H. M., Ramirez, D., Zahner, G. J., Gillis-Buck, E. M., Sheriff, H., & Ferrone, M. (2017). The LGBTQI health forum: an innovative interprofessional initiative to support curriculum reform. *Medical Education Online*, 22(1), 1306419.

Cannon, S. M., Shukla, V., & Vanderbilt, A. A. (2017). Addressing the healthcare needs of older Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender patients in medical school curricula: a call to action. *Medical Education Online*, 22(1), 1320933.

Gomes, M. C. A. (2017). *Corpos que “contam”*: uma etnografia sobre a Política Nacional de Saúde Integral LGBT. Tese de Doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Lopes, L. P., Carvalho, M. G. F., & Araujo, L. M. B. (2019). Diversidades de gêneros e acesso à saúde: concepção dos estudantes de medicina e enfermagem do centro universitário de Patos de Minas. *Brazilian Journal Health Review*, 2(4), 3286-3302.

Loria, G. B., Faig Canesin, G. M., Silva, G. M., Amorim, G. H. O., Melo, J. M., Santos, L. R., Rosa, L. F. D., Santiago, C. R. S., Mattos, D. S., Pedrosa, M. L., & Leal, E. M. (2019). Saúde da população LGBT+ no contexto da atenção primária em saúde: relato de oficina realizada no internato integrado de Medicina de Família e Comunidade/Saúde Mental em uma universidade pública. *Revista Brasileira De Medicina De Família E Comunidade*, 14(41), 1807.

Marinho, M. M. A. (2014). Análise da qualificação dos profissionais de saúde no âmbito da formação acadêmica dos estudantes de medicina de Brasília para o atendimento da população LGBT no SUS. Monografia de Especialização em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.

McDermott, E., Hughes, E., & Rawlings, V. (2018). The social determinants of lesbian, gay, bisexual and transgender youth suicidality in England: a mixed methods study. *Journal of Public Health (Oxford, England)*, 40(3), e244–e251.

Mello, L., Perilo, M., Braz, C. A., & Pedrosa, C. (2011). Políticas de saúde para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no Brasil: em busca de universalidade, integralidade e equidade. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 9, 7-28.

Meireles, M. A. de C., Fernandes, C. do C. P., & Silva, L. S e. (2019). Novas Diretrizes Curriculares Nacionais e a Formação Médica: Expectativas dos Discentes do Primeiro Ano do Curso de Medicina de uma Instituição de Ensino Superior. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 43(2), 67-78

Morris, M., Cooper, R. L., Ramesh, A., Tabatabai, M., Arcury, T. A., Shinn, M., Im, W., Juarez, P., & Matthews-Juarez, P. (2019). Training to reduce LGBTQ-related bias among medical, nursing, and dental students and providers: a systematic review. *BMC Medical Education*, 19(1), 325.

Nama, N., MacPherson, P., Sampson, M., & McMillan, H. J. (2017). Medical students' perception of lesbian, gay, bisexual, and transgender (LGBT) discrimination in their learning environment and their self-reported comfort level for caring for LGBT patients: a survey study. *Medical Education Online*, 22(1), 1368850.

Negreiros, F. R. N., Ferreira, B. O., Freitas, D. N., Pedrosa, J. I. S., & Nascimento, E. F. (2019). Saúde de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais: da Formação Médica à Atuação Profissional. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 43(1), 23-31.

Raimondi, G. A., Paulino, D. B., Hattori, W. T., Júnior, V. L., Silva, V. M. O., & Zaidhaft, S. (2019). Ensinoaprendizagem de Gênero e Sexualidade em um Curso de Medicina no Brasil: promovendo o Cuidado Integral em Saúde e os Direitos Humanos. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 43(2), 130-142.

Rufino, A. C., & Madeiro, A.P. (2017). 6 Práticas Educativas em Saúde: Integrando Sexualidade e Gênero na Graduação em Medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 41(1), 170-178.

Rufino, A. C., Madeiro, A. P., & Girao, M. J. B. C. I. (2013). O Ensino da sexualidade nos cursos médicos: a percepção de estudantes do Piauí. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 37(2), 178-185.

Salkind, J., Gishen, F., Drage, G., Kavanagh, J., & Potts, H. (2019). LGBT+ Health Teaching within the Undergraduate Medical Curriculum. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(13), 2305.

Santos, G. B. S. (2017). Elaboração de um componente curricular sobre atenção à saúde da população LGBT em um Curso de Graduação em Medicina. Dissertação de Mestrado, Universidade do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil.

Zelin, N. S., Hastings, C., Beaulieu-Jones, B. R., Scott, C., Rodriguez-Villa, A., Duarte, C., Calahan, C., & Adami, A. J. (2018). Sexual and gender minority health in medical curricula in new England: a pilot study of medical student comfort, competence and perception of curricula. *Medical Education Online*, 23(1), 1461513.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Willian Alves dos Santos – 16%

Elisa Hypólito Montovani – 14%

Jonathan William Lopes – 14%

Alexandra Candido Rosa Nogueira – 14%

Pamela Fernandes Silva de Freitas – 14%

Lawrence Brito de Assis – 14%

Mariana Bteshe – 14%